

O SER SURDO:

identidades e narrativas através do encontro com o outro

Lucas Nogueira Xavier

Instituto Federal de Educação de Brasília

<https://orcid.org/0009-0000-4691-4930>

Rosa Amélia Pereira da Silva

Instituto Federal de Educação de Brasília

<https://orcid.org/0000-0001-8949-0883>

RESUMO:

O presente estudo tem como objetivo investigar como as narrativas de pessoas surdas podem atuar como recursos metodológicos para o letramento e o ensino do português escrito como segunda língua. A pesquisa baseou-se em uma imersão experimental em grupo focal com a comunidade surda de Formosa (GO) e em entrevistas semiestruturadas. Das narrativas coletadas, emergiram quatro categorias principais: identidade, escola, trabalho e letramento. Neste texto, focaliza-se especificamente a análise da categoria "identidade" e, mais precisamente, da "identidade surda", constituída no contato com outros surdos. Observou-se a relevância dessa convivência para a formação da identidade surda, pois é através dela que o sujeito acessa uma língua que lhe oferece um conforto linguístico para se expressar – nesse caso, a Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Surdos. Libras. Educação.

Abstract

This study aims to investigate how the narratives of deaf individuals can serve as methodological resources for literacy and the teaching of written Portuguese as a second language. The research was based on an experimental immersion in a focus group with the deaf community of Formosa (GO) and on semi-structured interviews. Four main categories emerged from the collected narratives: identity, school, work, and literacy. This text focuses specifically on the analysis of the "identity" category, particularly "deaf identity," which is formed through contact with other deaf individuals. The importance of this interaction for the development of deaf identity was noted, as it provides access to a language that offers linguistic comfort for self-expression—in this case, Libras (Brazilian Sign Language).

KEYWORDS: Identities. Deaf. Libras. Education.

Resumen

El presente estudio tiene como objetivo investigar cómo las narrativas de personas sordas pueden actuar como recursos metodológicos para la alfabetización y la enseñanza del portugués escrito como segunda lengua. La investigación se basó en una inmersión experimental en un grupo focal con la comunidad sorda de Formosa (GO) y en entrevistas semiestructuradas. De las narrativas recolectadas, surgieron cuatro categorías principales: identidad, escuela, trabajo y alfabetización. Este texto se enfoca específicamente en el análisis de la categoría “identidad” y, más precisamente, de la “identidad sorda,” que se constituye en el contacto con otros sordos. Se observó la relevancia de esta convivencia para la formación de la identidad sorda, pues es a través de ella que el sujeto accede a un idioma que le ofrece comodidad lingüística para expresarse—en este caso, la Libras (Lengua Brasileña de Señas).

PALABRAS CLAVE: Identidades. Sordos. Libras. Educación.

1 INTRODUÇÃO

Ao se pensar sobre uma pessoa surda, o que, comumente, vem em mente é a falta, a falta de um sentido, uma limitação, o não-ouvir, a mudez. A ausência de algum modo fará presença nas diferentes percepções e representações da surdez, que compõem uma das metanarrativas que orienta as práticas pedagógicas nas escolas em relação à educação de surdos (Skliar, 2016).

As representações sobre a surdez no território da educação, segundo Skliar, são marcadas, basicamente, por duas tradicionais perspectivas, “que caracterizam e governam, na atualidade, todos os discursos e todos os dispositivos pedagógicos” (2016, p. 9). São elas as visões clínicas, que se orientam pela ideia de uma medicalização da surdez, “como o disciplinamento do comportamento e do corpo para produzir surdos aceitáveis para a sociedade dos ouvintes” (p. 10); e a visão socioantropológica, que enxerga a surdez pelo prisma da multiculturalidade, da diferença, a comunidade surda como um grupo cultural e linguístico.

Para o pesquisador, a educação de surdos se constrói a partir destas oposições. Não necessariamente o distanciamento da ideologia clínica quer dizer a aproximação do olhar multicultural, já que, por vezes, ela também pode ser utilizada falsamente por práticas orientadas pelo monolinguismo, que utiliza a primeira língua do/a estudante surdo/a, a língua de sinais, como mero instrumento para alcançar a língua oficial (língua oral), numa relação hierárquica de uma língua e uma cultura em detrimento da outra, em que uma é vista como ferramenta de suporte e está a serviço da majoritária (Strobel, 2015).

A questão das oposições binárias: normalidade/anormalidade, ouvinte/surdo, maioria ouvinte/minoria surda, língua oral/língua de sinais, etc., constitui, na atualidade, um dos fatores mais nocivos à análise da realidade educacional e seu enraizamento ideológico parece não apenas inevitável como também insuperável. Tais oposições - como já notara McLaren, 1995 (op. cit.) - sugerem sempre o privilégio do primeiro termo, normalidade, ouvinte, maioria, oralidade, etc., em uma metanarrativa que define o significado da norma cultural. O termo secundário, nessa dependência hierárquica, ou seja, anormalidade, surdo, minoria, gestualidade, etc., não existe fora do primeiro, mas dentro dele. A quem ou para quem servem essas, ou outras, oposições? (Skliar, 2016, p. 20).

Portanto, é preciso afirmar que a comunidade surda não é um grupo homogêneo e nem uniforme (Skliar, 2016; Perlin, 2016), ela é constituída de diferenças, tensões e de disputas políticas, assim como qualquer outro grupo social. É preciso considerar a(s) diversidade(s) surda(s) que compõem a comunidade e as suas diferentes identidades.

Assim, dentro de uma mesma comunidade de surdos, não necessariamente irão se estabelecer “sólidos processos de identificação”. Desse modo, entende-se que o ser surdo “constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida”, de identidades “múltiplas ou multifacetadas” e que a surdez é uma “experiência visual” (Skliar, 2016, p. 11 e 14).

Partindo desta compreensão, analisam-se as experiências escolares de sujeitos surdos da cidade de Formosa (GO) nos encontros de um grupo focal e nas entrevistas semiestruturadas, organizado para inicialmente compreender como as suas narrativas poderiam servir como estratégia metodológica para o ensino e letramento de português escrito como segunda língua.

Os dados coletados foram sistematizados a partir das categorias que emergiram nas narrativas dos participantes, sendo elas: identidade, escola, trabalho e letramento. Assim, tais categorias foram analisadas a partir de uma visão crítica da linguagem como constitutiva do sujeito através das relações sociais, históricas e culturais.

Aqui pretende-se apresentar uma análise da categoria a respeito de identidade e da importância do encontro com o outro igual para a sua

constituição enquanto ser surdo. Esse processo culminou na produção de um documentário disponibilizado na plataforma de vídeos Youtube¹.

2 IDENTIDADE SURDA E O ENCONTRO COM O OUTRO IGUAL

A questão identitária dos sujeitos da pesquisa perpassa toda a sua narrativa. O compartilhamento das suas experiências e memórias relativas ao contato com a língua de sinais e a sua compreensão sobre ser surdo são fundamentais para entender a sua relação com o português e como, por ela, também são atravessadas questões de poder e cultura.

Para tanto, é importante situar o entendimento do que se menciona aqui sobre identidade e identidades surdas. Para Hall, a identidade do sujeito pós-moderno é móvel e fragmentada, longe de ser fixa, engessada ou permanente, ele postula que ela é "transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (2006, p.13).

Para Castelles (2018, p. 54), a identidade é entendida como um "processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados", a elaboração e a constituição das "fontes de significados" se dão pela identidade colaborando para um processo de individuação, dessa maneira, para ele, pode haver identidades múltiplas.

A respeito dos participantes, a marca surda não é única, nos contextos sociais em que nasceram, viveram e ainda vivem, e os atravessamentos que se dão por essas diferentes experiências foram e são importantes para o seu processo de constituição identitária e para a construção de significados.

Fundamentada na concepção de Hall, a pesquisadora Perlin (2016) também entende que a identidade é uma construção que se transforma e se movimenta permanentemente. A partir dessa conceituação, elabora-se uma categoria importante que nos ajuda entender as narrativas dos participantes, que

¹ Entre palavras e sinais: educação e identidade surda (<https://youtu.be/-5ewkfOKYuE>).

é (são) a(s) identidade(s) surda(s)². Nesse caso, a construção de uma identidade surda se forma dentro de uma cultura visual, sempre em proximidade com o outro igual, ou seja, de forma relacional tanto com a imagem quanto com o próximo.

A identidade surda e sua construção de significados a partir de uma experiência visual é ressaltada nas falas e trocas que acontecem no grupo focal e na entrevista semiestruturada. A aproximação com os outros iguais por meio da literatura surda foi essencial para o desencadeamento das elaborações sobre si enquanto sujeitos surdos.

O contato que os participantes tiveram com a literatura surda, através da leitura coletiva em Libras, suscitou momentos de partilha de memórias vivenciadas em situações semelhantes às narradas nas obras. O processo de descoberta da língua de sinais, bem como a compreensão e a constituição da identidade surda foram temas centrais nos textos e vídeos apresentados.

É possível notar, a partir das falas compartilhadas, que o processo de identificação da surdez, num primeiro momento, é nomeado e identificado pelo outro, o ouvinte, mas num sentido de falta e incompletude. Uma delas narra para o grupo, a partir da leitura de Laborit (1994), sobre situações que deram elementos para a compreensão de que era diferente de sua família.

Conta que constantemente gritava e sempre a repreendiam, e ela não entendia o motivo. Os seus gritos poderiam ser uma forma de chamar a atenção dos seus, já que a comunicação dos familiares se dava pela oralidade. E por isso reproduzia o que observava.

Quando criança eu gritava, mexia os lábios... Minha mãe não me disse nada. Eu não sabia de nada. Tentava falar, gritar... gritava e mexia a boca pra falar. E nada. Minha irmã mais velha, ouvinte, me chamou e pegou pela mão, saímos andando. Perguntei pra ela sobre o falar (oralidade). Ela quem me disse que eu era surda. Via todos eles conversando e eu gritava, mas ninguém me entendia. Eu os chamava e apontava para a minha boca pra mostrar que estava falando. Ela tentou me explicar com gestos que eu era surda-muda. Que minha boca não falava nada e meu ouvido não escutava nada. Eu fiquei sem

² No plural, porque a autora destaca e cita algumas diferentes classificações para evidenciar a multiplicidade e heterogeneidade das identidades surdas, como por exemplo: identidades surdas híbridas, de transição, incompleta e flutuantes (PERLIN, 2016).

entender, continuava gritando e ela tentava me explicar. Essa minha irmã que me ensinava sobre as coisas, não a minha mãe. Ela gesticulou tampando os ouvidos com as mãos seguido do gesto de nada. Olhava aquilo e não entendia muito bem. Só na escola quando encontrei outros surdos gesticulando que eu entendi que também era surda igual à eles, usavam as mãos. Foi assim que entendi o que minha irmã quis me dizer quando tinha mais ou menos 4 a 6 anos de idade. Gritava mas não tinha sentido nenhum (Eliane).

O mexer os lábios e o gritar constituíram uma reprodução visual do que observava, acreditava que, assim, também seria compreendida. Somente a irmã mais velha é quem tenta explicar sobre a sua surdez. No relato, recria os gestos utilizados pela irmã para se referir à sua condição de "surda e muda"³, tendo em vista que ninguém da família e nem mesmo ela sabia Libras. Nos gestos, o tapar os ouvidos com as mãos, o dedo indicando a boca e o ouvido seguido do não são utilizados na tentativa de explicar que ela não falava e nem escutava.

Também destaca, em outras falas, a importância dessa irmã na sua vida, mais do que a própria mãe, no sentido de que é ela quem estabelece algum grau de comunicação para educá-la e ensiná-la.

Outra participante contribui com a conversa compartilhando uma memória do episódio em que acompanhava a mãe nas missas quando criança. Em dado momento, emitia ruídos achando que estava rezando como todos ali, mas era repreendida pela mãe por estar chamando atenção e atrapalhando o momento litúrgico, já que os grunhidos não tinham sentido nenhum. O dedo na boca indicando o gesto de "silêncio" e a indicação do ouvido e boca, seguido de "você não", informavam que havia uma falta.

A compreensão do que significava ser surda só se deu a partir dos encontros com outros iguais. Quando a irmã mais velha, também surda, tentou explicar que não tinha o porquê tentar reproduzir uma vocalização por meio de grunhidos, a narradora utilizou o indicador apontando para os lábios e o ouvido seguido do gesto polegar para baixo, para representar os mesmos gestos utilizados pela irmã na conversa.

³ Surda-muda é um termo pejorativo, que, por muitos anos, foi utilizado para se referir às pessoas surdas. O mudo carrega a ideia da exclusividade do falar na língua oral.

Dando uma ideia de que a boca e os ouvidos, sentidos também atribuídos à habilidade de fala e escuta, não funcionavam, já que o gesto do polegar para baixo tende a significar sempre algum tipo de negação.

Observa-se que, nesse caso, acontece uma reprodução do que constantemente é direcionado à elas: a ideia do corpo danificado, a negação. Para Perlin (2016), o conceito de corpo danificado se refere a um discurso de norma, em que o sujeito surdo é visto a partir do sujeito ouvinte, nesse caso, tido como normal.

Logo, nesse caso, o não ouvir poderia ser entendido também como um não falar, que aqui seria melhor descrito como oralizar. Um sujeito visto como anormal pelos padrões estabelecidos seria visto como incapaz de enunciar e de fazer elaborações subjetivas e profundas, levando em conta que "não fala" e "não escuta". É desse entendimento que ocorre o termo pejorativo surdo-mudo.

Depois, a narradora utiliza as duas mãos e os dedos em movimento se tocando uns aos outros, para falar que havia muitas outras pessoas que usavam os gestos, como elas, "eu, você: mãos". Levada pela irmã, escondida da mãe, foram à uma praça onde outras crianças surdas que moravam nos arredores se encontravam para conversar por meio de gestos e brincar. Depois foi, na escola e na catequização, que esse processo de identificação do ser surda foi se alargando e solidificando de forma positiva.

Tanto no relato da participante que gritava e a irmã ouvinte tentava explicar sobre a sua condição, quanto a última que compartilha a sua memória na missa, elas só se compreendem e se identificam como pessoas surdas no contato com os seus iguais, seja na escola, seja na vizinhança. Por mais que o outro, nesse caso, o ouvinte, tentasse nomeá-las como tal, elas não compreendiam totalmente.

Nos encontros, todos os participantes partilharam passar pelo mesmo processo. Primeiro, numa tentativa de se fazerem entender pela família utilizando uma reprodução do que veem do que seria "falar" e, depois, no encontro com os iguais e a descoberta da Libras. Perlin (2016) assevera que "os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva" (p. 54). Isso explica ser comum, nos relatos, a criança reproduzir

através da sua percepção visual a maneira como os adultos ouvintes se comunicam.

Uma outra participante compartilhou uma lembrança da infância de sempre gritar e emitir grunhidos porque era assim que observava a família fazer e achava que estava conseguindo expressar os seus pensamentos. E é através das repreensões que ela percebe que com ela não funcionava. Assim como aconteceu com a que rezava na igreja.

É interessante notar, no relato, o papel da irmã surda mais velha de apresentá-la às outras crianças e usar o gesto de "mexer com as mãos" para se referir a essas outras e a elas mesmas, podendo ser interpretado como uma alternativa à forma como os ouvintes se comunicam para a forma que elas, surdas, se comunicam, "falar com as mãos". No contexto em que compartilharam, foi importante o encontro com outros surdos, os seus iguais, e de se entenderem como não mais únicos no mundo. É um alargamento da compreensão do que é ser diferente entre os ouvintes. Laborit (1994) e Vilhalva (2004) narram algo parecido.

A primeira achava que tinha alguma doença e que morreria ainda criança, é no encontro com outro adulto surdo que essa ideia inicial é desfeita e isso traz um sentimento de esperança, assim como o sentimento de choque e surpresa ao compreender que era surda a partir de uma conversa com um grupo de surdos em Washington, na Universidade Gallaudet, pois ali entendera que ser surda é muito mais do que não escutar, é ter uma língua própria, uma comunidade e a possibilidade de experienciar o mundo (Laborit, 1994).

A mesma experiência parece ter acontecido com os participantes desta pesquisa em suas infâncias. No entanto, o encontro com os outros iguais não quer dizer que já teve contato com a Libras, haja vista que esses outros também eram crianças que estavam vivendo uma experiência de privação de língua⁴. O primeiro contato com a língua de sinais se dará com um adulto surdo que passa pelas ruas da cidade vendendo apostila de Libras. Para duas das participantes,

⁴ Situação de privação de língua é quando uma criança surda, em muitos casos filha de pais ouvintes, que por diversos motivos não a expõe à língua de sinais, cresce impedida de se desenvolver linguisticamente como qualquer outra criança ouvinte que partilha da mesma língua que os pais.

esse foi o momento em que descobriram a existência de uma língua de sinais, que era diferente dos gestos caseiros que estavam habituadas, para outros essa descoberta se dará na catequização ou na escola.

É interessante notar que no contato com os iguais, a compreensão e a auto identificação se dá pela perspectiva de que todos eles gesticulam e/ou sinalizam em Libras. É essa interação que traz o entendimento do que significa ser surdo, não quando são repreendidos ou alertados pelos ouvintes que "não escutam e nem falam".

Através do encontro com a Libras é possibilitado o acesso à uma língua de forma efetiva, além de estabelecer um encontro consigo mesmo e com o mundo. O encontro é consigo, porque o entendimento de si é alargado, não é mais aquele que não fala e não escuta, uma vez que, agora, possui uma língua que é compartilhada com outros; e o encontro é com o mundo, porque agora é possível se enunciar, comunicar, aprender e trabalhar como qualquer outro sujeito.

Uma das participantes narra sobre o seu primeiro contato com a Libras e a sua relação com a língua:

Eu não sabia nada, era só gestos. Olha... olha... minha irmã, Marcinha, eu captava os sentidos do que falava. Depois chegou um surdo. Foi a primeira vez que vi uma apostila de Libras com o alfabeto. E eu fui desenvolvendo e aprendendo. Depois chegou a freira, o pessoal da evangelização com surdos falando em Libras. E eu fui aprendendo, observando. Eu gosto da Língua de Sinais. Eu amo libras, é muito gostoso sinalizar. Eu amo. Com a Libras é bom, é mais leve, distrai. Na oralização, não entendo nada. Eu amo Libras. Tem vários sinais. Eu aprendo. É bom, eu gosto (Edina).

Quando a criança surda passa pela privação de língua, a linguagem que ela utiliza para tentar se comunicar é baseada em mímicas e gestos caseiros⁵. É uma linguagem limitada, a partir da qual não é possível desenvolver e aprofundar muito em ideias e conceitos subjetivos. A comunicação fica restrita ao que é possível expressar a partir do que é captado pela observação, conforme aconteceu, no caso, em que a pessoa capta os sentidos do que a irmã ouvinte

⁵ Sistema de comunicação visual improvisada utilizados por pessoas surdas em situação de emergência para se fazer entender em contextos em que o interlocutor não sabe a Língua de Sinais.

fala pela observação visual relacionado ao contexto da conversa.

Para esta participante, o encontro com a Libras acontece quando outro adulto surdo vende as apostilas. A partir desse material, ela aprende o alfabeto manual⁶ e também alguns sinais. Foi somente no encontro com o outro igual adulto para começar a compreender que existe uma língua de sinais.

A catequização que acontece na cidade é um outro fator importante para o contato mais próximo com outros surdos de Brasília. É nessa interação que acabam por conhecer mais da Libras e a usá-la. Em Formosa, a Igreja Católica, por meio da Pastoral dos Surdos, teve uma certa influência e contribuiu para a formação da comunidade na década de 90 e nos anos 2000.

A freira que a participante menciona se refere a irmã Helena Croda, uma das professoras do Instituto Nossa Senhora do Brasil - INOSEB, uma instituição de Brasília, que existe desde 1969 e presta atendimento aos surdos e familiares, além de ofertar cursos de Libras. De acordo com Santos (2023), o INOSEB é uma das instituições importantes na história da educação de surdos do Distrito Federal, além de desenvolver atividades e projetos de assistência social para a comunidade surda.

A visita da comitiva de surdos e intérpretes católicos dessa instituição de ordem religiosa e social à Catedral de Formosa acontecia num contexto de evangelização e apoio à pastoral dos surdos da cidade que também contava com alguns intérpretes que faziam a interpretação das missas além do catecismo. Segundo Chaibue (2022), o trabalho desenvolvido pelas pastorais também tem contribuição na formação de intérpretes e na difusão da Libras na cidade.

Assim, é possível inferir a importância que a religião, por meio da pastoral dos surdos, teve na formação desse participante e no contato dela com a língua de sinais. Conforme narrado, reforça-se a ideia que a aquisição de língua aconteceu por meio do contato sociointerativo com os iguais que utilizam a Libras.

A participante deixa claro o gosto que tem por essa língua, que é "leve e distrai", proporcionando uma situação de conforto linguístico, tendo em vista que

⁶ Código de representação das letras do alfabeto utilizada como um recurso por pessoas sinalizantes para soletrar nomes próprios.

a comunicação que se estabelece por ela é natural e confortável. É por meio dela que é possível aprender: "*Tem vários sinais. Eu aprendo. É bom, eu gosto*", diferente da sua experiência com a oralização: "*Na oralização não entendo nada*".

No oralismo, a ideia de linguagem está circunscrita à língua oral hegemônica do país em que se vive. No caso do Brasil, o português seria a única forma de comunicação dos surdos, segundo essa perspectiva. O método de ensino da oralização é baseado em práticas fônicas, a língua de sinais não é muito bem aceita (Goldfeld, 2002).

Para a narradora, o seu contato com essa prática não proporcionou nenhuma aprendizagem pela dificuldade de entendimento, haja vista que não são considerados os sinais, somente a oralização.

Outro participante nos conta o seguinte:

Eu não nasci sabendo Libras. (...) Eu vi surdos sinalizando e captando os sinais em Libras, aprendendo e captando. A primeira vez foi em Planaltina-DF. Lá em Alvorada do Norte não tinha nada, eu ficava entediado, todo mundo oralizando e eu surdo. Sem me comunicar. Eu pensei mudar para casa da minha tia lá em Planaltina. E lá encontrei muitos surdos conversando em Libras. Eu fui captando e aprendendo Libras. Me sentia muito bem. Conversava com todo mundo, me sentia alegre, me sentia muito feliz. Aprendi Libras muito rápido (Adalberto).

Assim como as demais, para este participante o estar em uma família que não partilha da mesma língua traz uma sensação de isolamento, por isso é entediante, porque não há comunicação. O encontro com outros surdos na escola traz sentimentos de alegria e felicidade, porque ali havia comunicação e a possibilidade de trocas: interação e aprendizagem. E assim se aprendem Libras muito rápido.

O processo de aquisição da Libras, nesses casos, não, necessariamente, acontece em sala de aula formalmente, mas, sim, por meio da interação e do contato com outros sinalizantes, na língua viva e manifesta na prática social com e entre os seus falantes. É assim que se adquire a Libras, de forma dialógica, no anseio de participar das trocas interativas que acontecem com o grupo, a comunidade surda.

Outro participante narra algo semelhante ao ser perguntado sobre qual a importância da Libras para ele:

É importante sim. Eu gosto. Essa interação na família... lá na fazenda o pessoal não sabe muito Libras, aqui todo mundo sabe, né? É visual, é muito bom. Eu me sinto bem. Todo mundo lá em Brasília quando encontro muitos surdos assim juntos e vou conversando com eles, eu me sinto muito bem. Eu gosto muito (Marcos).

O sentimento de bem-estar é proveniente de fazer parte de uma comunidade e estar com pessoas que partilham do mesmo meio de comunicação, é sentir pertencente a um grupo, ser visto e reconhecido por ele. Perlin (2016) explica que a identidade surda sempre se constitui na proximidade e "em situação de necessidade com o outro igual" (p. 54) e não restritamente na cultura em que nascemos, no contexto do surdo, que nasce e cresce no seio familiar ouvinte e em contato com essa cultura; mas se afirma, positivamente, enquanto sujeito com e entre os seus iguais: "surdos dentro da cultura ouvinte é um caso em que a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original" (Perlin, 2016, p. 53).

Até aqui discutimos questões relativas ao processo de identificação do ser surdo. Alguns pontos são cruciais para entender como essa constituição se relaciona também com o letramento e ensino de língua portuguesa. Primeiro, é primordial considerar o percurso em que os sujeitos atravessaram e a importância que a língua de sinais e a interação com os seus iguais têm na sua formação enquanto indivíduos.

Situado esse contexto, a inserção e aproximação da língua portuguesa devem acontecer em situação de língua adicional, respeitando-se e considerando, sobretudo, as especificidades não só linguísticas, mas também identitárias, culturais e sociais da comunidade surda, pois somos todos, indistintamente, sujeitos históricos, sociais e culturais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o processo de identificar-se enquanto sujeito surdo se

elabora no coletivo, um processo dinâmico de trocas de experiências, construído e reelaborado no contato com o outro, com base nas epistemologias próprias da comunidade surda, o que fortalece a identidade e a sua cultura, rompendo com as representações hegemônicas.

Esse entendimento é central ao se pensar processos e estratégias de ensino que sejam efetivas para este público, dada a importância de se valorizarem as narrativas surdas e suas epistemologias para a construção de uma educação inclusiva que respeite a diversidade a partir dos seus aspectos culturais. Uma maneira de contrariar as narrativas dominantes a respeito da pessoa surda é abrir espaço para que eles próprios possam narrar a si mesmo.

É notado a importância da constituição da identidade surda em contato com os iguais, que, por sua vez, possibilita o acesso à uma língua que proporciona um conforto linguístico para se enunciar, que, no caso, é a Libras.

A experiência escolar, por muitas vezes, é marcada por práticas pedagógicas que desconsideram a cultura, as identidades e a língua do ser surdo, orientadas por estratégias metodológicas em que há uma priorização do português pela oralidade. As condições de produção de significação só são possíveis quando é reconhecida a Libras como primeira língua dos surdos. A memorização de vocábulos e regras gramaticais, desvinculadas dos sentidos e das suas experiências, são práticas pedagógicas que não promovem a aprendizagem.

Portanto, em toda prática educativa, é imperativo conhecer primeiro quem são esses sujeitos, abrir uma disposição de escuta das suas narrativas, valorizar os seus saberes e utilizar como ponto de partida para uma metodologia de ensino não opressiva.

4 REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. 9ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CHAIBUE, Karime. *Onomástica em libras em Formosa-GO*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Goiás - Goiânia, 2022.

GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABORIT, Emmanuelle. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas *In: SKLIAR, Carlos. A Surdez*. 8ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016. p. 51-73.

SANTOS, Mônica. Oliveira. dos. *Uma história das práticas de educação dos surdos no Instituto Nossa Senhora do Brasil, no Distrito Federal (décadas de 1960 a 1990)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2023.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. *In: SKLIAR, Carlos. A Surdez*. 8ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016. p. 7-32.

STROBEL, Karin.. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

VILHALVA, Shirlei. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.